

PODE BEIJAR A  
NOIVA

– micronarrativas –



João Paulo Hergesel

PODE BEIJAR A  
NOIVA

– micronarrativas –

2.<sup>a</sup> edição



Editora Jogo de Palavras  
• Alumínio, SP •  
2018

Copyright © 2018 by João Paulo Hergesel

---

H545p

Hergesel, João Paulo.

Pode beijar a noiva / João Paulo Hergesel. – 2. ed. –  
Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joaninha  
Platinada).

72 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-75-9

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. 3. Micronarrativas.

I. Título.

CDD: 869.3 | CDU: 821.134.3(81)-3

---

2.<sup>a</sup> edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



**Editora Jogo de Palavras**  
**Alumínio, SP • 2018**  
**[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)**

## Sumário

a noiva .....	7
vendaval .....	9
nostalgia .....	11
anos 90 .....	13
ensino fundamental.....	15
homenagem .....	17
o vice-presidente.....	19
paixão .....	21
primeiro amor .....	23
o veleiro.....	25
diálogo .....	27
pop-up.....	29
esportista aquática .....	31
joginho de infância.....	33
maratona .....	35

filha .....	37
o fotógrafo.....	39
surfe .....	41
nascimento.....	43
função.....	45
flauta .....	47
correios.....	49
estrela de cinema.....	51
a novidade.....	53
obrigações.....	55
trocadilhos .....	57
meninos.....	59
corte e costura.....	61
a carta .....	63
autoajuda.....	65
cores.....	67

## **a noiva**

“Pode beijar a noiva”, o padre anunciou.

As almas se conectaram num beijo meloso,  
máxima daquela manhã manhosa de maio, entre  
azaleias e magnólias.

O noivo assistiu à cena sem interromper.





## **vendaval**

As pás eram o coração do moinho, até que um dia  
teve taquicardia e saiu voando pelo infinito.



## **nostalgia**

– Mãe, o que é nostalgia?

– É o que a gente mistura no leite, bebe docinho e depois fica só com o sabor sumindo na boca.



## **anos 90**

O toca-fitas revelava que “beijo é muito bom, mais que mil, mais que bom”. A garota, mesmo fã da Sandy, discordava, enquanto sentia, no pulsar do tornozelo, a armadeira desprender os lábios aracnídeos.



## **ensino fundamental**

Saiu da aula sabendo separar as sílabas de “moinho”, mas nunca procurou saber o que era isso.





## homenagem

Deus escreveu um poema no Lago, e ele ganhou alma. Meio anjo, sempre Angela. Depois de sete décadas inventando vida aqui na terra, voltou neste 22 de outubro para debaixo das asas de seu Compositor.

**Para Angela Lago,**  
*que chegou em 17/12/1945*  
*e partiu em 22/10/2017.*



## **o vice-presidente**

Por meio de um beijo sobre as costas das mãos,  
jurou-lhe fidelidade eterna. Mas, com as mãos nas  
costas, ajudou a movimentar o pedido de  
*impeachment*.



## **paixão**

Quando o helicóptero pousou na fazenda, o moinho se apaixonou pelo gíngado da hélice.



## **primeiro amor**

Ele não conseguiu desviar a bicicleta a tempo e foram ao chão.

– Machucou? – ele se mostrou preocupado.

Ela disse que estava bem.

– Como você se chama? – ela se mostrou meiga.

– Vini. E você?

– Puberdade.

Ela se levantou e ajeitou o vestido. Ele a abraçou e sorriu. Foi seu último sorriso de criança.





## **o veleiro**

Queria ser um veleiro, flutuando pelo sal desconhecido de uma vida liquefeita. Adentrou o mar, movendo a quilha e o pantilhão, cujos artelhos acarinhavam a areia submersa. Abriu a buja e a genoa, sentindo o zéfiro preencher de maresia seu sistema muscular. E atirou-se à intempérie, quebrantando mastro e retranca, após o travamento do leme.

As velas se acenderam em sua homenagem.



## **diálogo**

O moinho de vento perguntou ao moinho de água que horas eram. Mas o moinho de água não respondeu ao moinho de vento, porque moinhos não falam.



## pop-up

“Nunca clique nos *pop-ups*. Eles podem conter vírus.”

A instrução foi inútil. Para ver a mulher da janelinha terminar de abrir o sutiã, ele arriscaria pegar uma gripe.



## **esportista aquática**

A prova que lhe daria o título de campeã olímpica estava prestes a começar. Ela checou o veleiro pela última vez antes de se lançar ao itinerário desportivo. Os cabelos molhados lhe davam fôlego para se focar no horizonte aquático. Mas sua mãe resolveu tirá-la da banheira antes de o brinquedo chegar à borda final.





## **joguinho de infância**

Na Holanda, Iolanda se encontrou com o mocinho do moinho para brincarem de trava-línguas.



## **maratona**

A despeito da dislalia, o argentino proclamava em

pé:

– ¡Maratona es mejor que Pelé!



## **filha**

Terminou o trabalho na metalurgia com a felicidade libertadora de sexta-feira. Saiu para beber com os amigos, falaram besteira, jogaram truco. Ao voltar para casa, viu a filha dormindo no sofá, com um livro no colo. Soube que a pequena se tornaria uma mulher tão livre e segura de si como ela.



## **o fotógrafo**

Quando saísse do hospital, voltaria a fotografar moinhos. Estava seguro de sua existência nos céus.





## **surfe**

Quando descobriu a adrenalina das manobras, aderiu ao surfe de concreto. Sentia-se o campeão do skate nas madrugadas paulistanas, mas um carro em alta velocidade foi a onda metálica que ele não conseguiu dropar.



## **nascimento**

A mulher de Milton lascou uma unha enquanto  
assentava o último tijolo.



## **função**

– O que, afinal, um moinho faz, vovô?

O silêncio perpétuo removeu o menino.



## **flauta**

A flauta doce, amor eterno do experiente musicista, tocava os lábios de sua bisneta, enquanto ele descansava ao som de uma marcha fúnebre açucarada.





## **correios**

A atendente fez o registro urgente no papel personalizado. Acondicionou a carta no envelope antes de preencher os dados de identificação. Selou com um tiro na hipófise. A mancha de sangue ocultou o nome do destinatário que receberia seu último miligrama de mulher.



## **estrela de cinema**

Eram tantas as selfies em frente ao moinho, que finalmente tinha seu talento reconhecido após participação em Dom Quixote.



## **a novidade**

Maria segurava o envelope com a novidade em uma das mãos; com a outra, alisava a barriga. Quando o marido chegou, abraçaram-se e derramaram algumas lágrimas. Depois de nove meses, o câncer intestinal a levou.



## obrigações

Tati ouviu em algum lugar que, na vida, devia-se ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Mas ela odiava dívidas. Tomou uma pedra pontiaguda e escreveu, na árvore, o nome de seu futuro filho. Depois disso, pôde voltar a brincar aliviada com sua boneca.





## **trocadilhos**

“Com quantos paus se faz um moinho?”,  
perguntava-se enquanto usava a jangada para  
moer café.



## **meninos**

A mãe vivia dizendo: “Bota, menino, uma cinta nessa calça! Coisa feia, a cueca aparecendo”.

Mas a mãe não entendia nada do que as meninas gostavam. Mãe nunca foi menina...



## **corte e costura**

Maldita costureira! Punha uma linha mágica em cada roupa, que se apertava todo domingo, após os pratos de macarronada.



## **a carta**

Foi uma explosão de contentamento escrever-lhe uma carta de próprio punho, declarando seu amor.

A emoção só não foi maior do que ler o “sim” no visor do celular.





## **autoajuda**

O avião chocou-se contra o moinho, que não conseguiu bombar água suficiente para apagar seu incêndio.



## **cores**

A professora pediu para que lessem *Fita Verde no Cabelo*, mas os sete anos de inocência humana não entendiam por que o escritor bobo embaralhou toda a história da Chapeuzinho Vermelho. Ainda eram daltônicos à sintaxe rosiana.



## **cócegas**

Acordou com a avó lhe fazendo cócegas no pé direito. Sorriu de leve. Lembrou que, no dia do velório dela, ainda não lhe haviam amputado as pernas.





Obra produzida com exclusividade para a  
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.